

ELEMENTOS FUNCIONAIS E ORNAMENTAIS DA ARQUITETURA ECLÉTICA PELOTENSE: 1870-1931. ESTUQUES.

André Winter Noble
Carlos Alberto Ávila Santos
Gabriele Orestes Gayguer
Jailson Valentim dos Santos
Josiane Gomes Ortiz
Ruth Regina da Silva Scotto

Resumo:

Este artigo é resultante de pesquisa realizada sobre os estuques ornamentais empregados nas paredes exteriores e interiores e nos forros dos prédios ecléticos da cidade de Pelotas, erguidos entre os anos de 1870 e 1931. Enfoca as técnicas e os materiais utilizados na estucaria, as origens e peculiaridades desse procedimento construtivo ou de revestimento e de decoração dos edifícios. Apresenta exemplos das duas técnicas e relaciona os estuques ornamentais com a função original das edificações e com as ideologias de seus proprietários.

Palavras-Chave: arquitetura; ecletismo; estuque.

Introdução:

Parte do patrimônio arquitetônico de Pelotas é representativa do estilo eclético historicista, que se manifestou na cidade entre os anos de 1870 e 1931.¹ As caixas murais da arquitetura eclética historicista pelotense reuniram estilemas peculiares a estéticas diferenciadas, de lugares ou períodos distintos da história da arquitetura, como o classicismo da Antiguidade grega e romana, da renascença e do neoclássico, mesclado a fragmentos do barroco e do rococó e a elementos das artes árabe, românica e gótica, do *art nouveau* e do *art déco*, empregados segundo as técnicas construtivas dos mestres de obras e as ideologias dos proprietários dos prédios.

Em Pelotas, o ecletismo historicista se desenvolveu em uma série de edifícios com diferentes funções, cuja riqueza dos programas de composição de fachadas atesta uma época de apogeu econômico da classe dominante do município. Esse enriquecimento foi proporcionado, principalmente, pela exploração de produtos processados nas charqueadas, originados do gado

¹ SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. p. 1.

bovino. Com o poder aquisitivo alcançado através das exportações, a elite da cidade investiu em requintadas construções urbanas, públicas e privadas, erguidas de acordo com os modelos ecléticos importados da Europa.

Nas caixas murais dos prédios foram agregados elementos funcionais e ornamentais de ferro, estátuas de cerâmica alouçada e os estuques das paredes externas e internas e dos forros das principais salas dos edifícios, objetos de estudo desta pesquisa. Apesar da importância deste patrimônio ornamental realizado em estuque, há falta de material bibliográfico específico sobre esses elementos decorativos, o que nos motivou a desenvolver este trabalho.

A investigação realizada foi fundamentada em pesquisa bibliográfica, que incluiu livros especializados e dicionários das áreas da História da Arquitetura e da História da Arte, jornais antigos e atuais consultados na Biblioteca Pública Pelotense, monografias, dissertações e teses que enfocaram o tema. Em pesquisa de campo realizaram-se entrevistas com profissionais ligados à área da conservação e do restauro, que informaram sobre a técnica da estucaria ornamental. Durante a pesquisa de campo foram também fotografados os prédios e as suas decorações, para posterior análise, estudo comparativo e montagem dos textos descritivos. Os resultados obtidos decorreram no presente artigo.

Os estuques ornamentais:

Segundo Corona & Lemos,² *“(...) genericamente dá-se o nome de estuque a toda a argamassa de revestimento que depois de seca adquire grande dureza e resistência ao tempo”*. Na mesma obra, os autores acrescentam: *“(...) é a argamassa que serve de vedação, preenchendo interfícios de uma armação qualquer, (...) como telas de arame trançado”*. Somam-se a essas informações os registros de Affonso Ávila³ sobre a utilização da técnica do estuque na arquitetura barroca mineira: *“(...) argamassa feita de gesso ou cal, areia fina ou pó de mármore, revestindo*

² CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: EDART, 1972. p. 208.

³ ÁVILA, Affonso. **Barroco mineiro**: glossário de arquitetura e ornamentação. São Paulo: Melhoramentos, 1980. p. 42.

trançado de metal ou treliça de madeira que se usam como paredes secundárias, forros e ornamentos". Ou seja, o estuque é uma argamassa de revestimento de paredes e tetos, mas também é uma técnica construtiva empregada para a edificação de muros ou de paredes internas das edificações.

O Departamento de Identificação e Documentação do IPHAN e o Inventário Nacional de Bens Imóveis em Sítios Urbanos Tombados (INBI-SU), através do *Glossário para orientação nos Levantamentos de Campo*, identificam a técnica da estucaria como: "*(...) Argamassa que (...) adquire dureza e resistência ao tempo. (...) usada em revestimento ou ornatos (...) e na execução de cornijas. (...) feita com gesso ou cal fina e areia, algumas vezes misturada com pó de mármore*".⁴ E complementam: "*(...) forros ou paredes divisórias feitos com armação de tela de arame trançado ou de taliscas de madeira, revestida por argamassa em cuja composição entra o gesso, preenchendo seus interstícios*".⁵

No ecletismo arquitetônico pelotense, o estuque foi amplamente utilizado como revestimento de paredes e tetos e, de aplicação de elementos ornamentais realizados com diferenciadas argamassas sobre as superfícies murais. Como colocaram Corona & Lemos: "*(...) Com o estuque são feitos altos e baixos relevos, ornatos, cornijas, florões, (...) a mão livre ou com o auxílio de moldes*".⁶ Sobre os componentes do estuque, os mesmos autores complementaram: "*(...) são empregados vários materiais, principalmente o pó de mármore, a areia, a cal, o cimento, o gesso, a greda, além da água necessária e, algumas vezes, da cola*".⁷

De forma genérica, o termo *estuque* define qualquer argamassa construtiva ou de revestimento de paredes e de tetos. No segundo caso, de revestimento de superfícies murais ou de forros, a técnica viabilizava um acabamento requintado por meio de pinturas (escaiolas e *tromp l'oeil*⁸) ou da

⁴ IPHAN, *Glossário para orientação nos Levantamentos de Campo*. p. 15.

⁵ *Ibid.* p. 15.

⁶ CORONA & LEMOS. *Op. cit.* p. 208.

⁷ *Ibid.* p. 208.

⁸ Expressão francesa traduzida por "engano de olhos", que designa a pintura que através da técnica apurada e dos escorços das figuras representadas ou da perspectiva utilizada, imita materiais diversos (mármore, lambris, panejamentos e elementos arquitetônicos), sugere a terceira dimensão onde ela na realidade não existe.

aplicação de relevos ornamentais. Nessa pesquisa, enfocamos a técnica do estuque para revestimento e ornamentação de paredes e tetos, por meio dos elementos bidimensionais moldados em relevo, produzidos com massa de cimento ou de gesso e representando figuras geométricas, orgânicas, fitomórficas, zoomórficas, antropomórficas e símbolos diversos. (Figura 1)



Figura 1: Na imagem à esquerda: Relevos em estuque do sobrado residencial do barão de Butuí. **Fonte:** Foto dos autores, 2010. Na imagem à direita: Capitel estucado com acantos e volutas da residência do barão de São Luis. **Fonte:** Foto dos autores, 2009.

No período estudado, grande parte das decorações de estuque chegava ao porto de Pelotas em grandes quantidades, outras eram copiadas ou criadas e multiplicadas em ateliês especializados que se estabeleceram na cidade.⁹ Os elementos ornamentais de estuque eram combinados pelos construtores locais em projetos de fachadas variadas, organizados em catálogos que objetivavam as encomendas dos proprietários dos prédios em construção. Eram frontões gregos ou cimbrados, que seriam dispostos sobre as aberturas, folhas de acanto que constituiriam os capitéis das pilastras ou das colunas coríntias e compósitas (Figura 1), as volutas dos capitéis jônicos, os medalhões com as datas das edificações e com os monogramas dos proprietários, os mascarões e as gárgulas, os consolos e os brasões, os dragões alados e os *putti*, as folhagens e as flores que comporiam as guirlandas ou os festões, os diferenciados adornos para as platibandas. (Figura 2)

⁹ SANTOS. Op. cit. 164.



Figura 2: Na imagem à esquerda: Frontão que encima o frontispício do casarão do barão de Cacequi, com a data da construção do prédio, 1870. Na imagem à direita: Frontão que encima a porta de entrada do palacete da família de Bernardo de Souza, com o monograma do proprietário original. **Fonte:** Fotos dos autores, 2009.

Artistas brasileiros e estrangeiros encarregavam-se das execuções dos frontões, dos frisos e das cornijas sobre as fachadas, das rusticações das paredes externas e dos fustes das pilastras que ritmavam as composições. Os elementos decorativos eram agregados aos frontispícios e tetos por meio de pinos de ferro ou de armações de arame. Muitos desses arranjos eram criados *in loco* pelos artífices.¹⁰ Depois de secos os trabalhos de estucaria, as paredes e os forros eram pintados em cores diversas. Na maioria das vezes, as superfícies planas tinham coloração mais intensa, os relevos recebiam tons pastéis ou o branco.

As origens do estuque:

Sociedades de diferentes épocas e locais utilizaram a técnica da estucaria, tanto nas edificações privadas quanto nas públicas. Sabe-se que os chineses usavam elementos de estuque, já na Idade do Bronze.¹¹ Mascarenhas e Franqueira¹² registraram que construções singulares foram erguidas na África setentrional, utilizando a estucagem. No México, a civilização maia empregava em suas monumentais construções uma mescla de materiais como terra, pedra, cal e pigmentos naturais para representar a vida e os costumes do seu povo. No Peru, a arquitetura dos chimu e dos chan-chan apresenta relevos decorativos de massa, que representam peixes e aves feitos a partir de terra e de aglutinantes.

¹⁰ Ibid. p. 164.

¹¹ MASCARENHAS, Alexandre & FRANQUEIRA, Márcia. Estuque ornamental: história e restauro. In: **Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação**. RJ/Programa Monumenta/MinC. Vol. 1, Nº.2. Rio de Janeiro: AERPA, 2007. pp. 1 a 6.

¹² Ibid. p. 1.

Os gregos e os romanos foram grandes usuários da pasta de estuque, empregando-a em revestimentos de paredes e tetos e em painéis decorativos dos ambientes internos dos edifícios, dos templos e dos monumentos funerários. (Figura 3)



Figura 3: Na imagem à esquerda: Sereia que representa a alma de um defunto. Detalhe de um relevo de estuque de um sarcófago grego. Na imagem à direita: Relevo romano em estuque executado em um altar para sacrifícios de um templo rural. **Fonte:** BOSSERT, Helmut. **Grécia y Roma.** Barcelona: Gustavo Gili, 1937. pp. 55 e 35.

As folhas de acanto, do grego *akantha*, conhecidas vulgarmente por erva-gigante, são originadas de uma planta espinhosa oriunda do sul da Europa. Sua simbologia indicava, através dos seus espinhos, a superação das provações da vida e da morte. Suas folhas verdes, largas e recortadas eram usadas na decoração de carros fúnebres, nas estampas das vestimentas dos nobres e nos estuques, ornando os capitéis coríntios. As folhas de acanto estavam associadas aos bons costumes, à moral e ao caráter reto.¹³ No livro da Gênesis, capítulo 3, versículo 18, está escrito que: “(...) o solo produzirá para ti espinhos e abrolhos”. Quem estivesse ornado com essas folhas venceria a maldição bíblica e gozaria da glória eterna.¹⁴

¹³ Disponível em:

www.gabito grupos.com/AZEITOPATRIMONIOEHISTORIA/template.php?nm=1274019080
Capturado em: 29/10/2010.

¹⁴ **Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.** São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados, 1992.

A cultura islâmica¹⁵ fazia uso de técnicas apuradas para decorar suas edificações. Linhas e formas geometrizadas de estucaria constituíam padronagens, que se repetiam sobre as superfícies murais. Estilizavam folhagens, flores e frutos e negavam a representação do humano e da fauna. (Figura 4) Os islâmicos repudiavam os espaços vazios, por isso desenvolveram os arabescos que decoravam os forros e as paredes de suas edificações, frequentemente encontrados na arte muçulmana até os dias atuais.



Figura 4: Na imagem à esquerda: Elementos florais, pâmpanos e videiras despontando de cântaros na fachada do palácio Ishak Paxá Saray, Dogubayazîd, Turquia. Na imagem à direita: Relevos do portal do caravansará do Sultão Han, Aksaray, Turquia. **Fonte:** STIERLIN, Henri. **A Turquia.** Lisboa: Taschen, 1999. pp. 208 e 224.

Na Roma antiga, o uso de pedras e tijolos nas construções exigia um acabamento que fosse capaz de esconder a primitiva rudeza desses materiais. Então, foi depurada a técnica de revestimento dos muros de alvenaria, onde placas de mármore coloridos passaram a ser aplicadas nas superfícies das paredes. (Figura 5) Os arquitetos romanos também usaram argamassas de estuque para os ornatos. Mascarenhas e Franqueira confirmaram que os romanos:

“(...) utilizavam o estuque para cobrimento e acabamento de alvenarias em pedra, como pilastras e colunas, recebendo algum trabalho em policromia artística ou lisa e,

¹⁵ MASCARENHAS, Alexandre & FRANQUEIRA, Márcia. Op.cit. p. 2.

principalmente, usavam-no como elemento decorativo em paredes e forros de teto, criando in loco esculturas manualmente executadas com argamassas diversas.¹⁶

Assim, a cultura romana foi responsável pelo aprimoramento e valorização da técnica da estucaria ao longo dos anos, dado que cotidianamente cobriram as superfícies das paredes internas dos prédios com uma camada de argamassa, na qual inseriam a pintura mural ou as decorações modeladas em estuque, como aquelas encontradas nos edifícios de Pompéia ou de Herculano. (Figura 5) No mundo ocidental, desde a Renascença ao século XIX, diferentes culturas empregaram variados artistas, para o desenvolvimento da estucaria ornamental nas obras arquitetônicas realizadas.



Figura 5: Na imagem à esquerda: Reconstituição da Basílica de Maxêncio, Roma. Placas de mármore coloridos sobre as paredes de alvenaria de pedra. **Fonte:** STACCIOLI, R. A. **Rome: autrefois et aujourd' hui.** Roma: Vision, 1962. p. 36. Na imagem à direita: Mosaicos decorativos no piso, pinturas murais arrematadas por cornijas de estuque pintadas em amarelo, ornamentam um dormitório de uma *villa* de Boscoreale, Pompéia. **Fonte:** HADAS, Moses. **Roma Imperial.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 140.

Segundo a restauradora Márcia Guidoti,¹⁷ inicialmente, o estuque era composto de uma massa grossa e, à medida que o trabalho avançava, a massa era refinada gradativamente, proporcionando melhor acabamento às superfícies das paredes internas e externas dos edifícios. O que diferencia o estuque empregado nas paredes externas, daquele utilizado nas paredes internas dos prédios, é a composição das argamassas. No estuque das paredes exteriores, a argamassa era resultante da mistura de cal com areia e água. Algumas vezes, uma pequena quantidade de pó de mármore era acrescentada à massa, objetivando maior resistência. Com o passar dos anos, o cimento foi incorporado à mistura. No estuque das paredes interiores, nas

¹⁶ Ibid. p. 1.

¹⁷ Entrevista realizada em 27/11/09 com os restauradores pelotenses de estuque Márcia de Pauli Guidoti e José Luis Silva.

quais a incidência das intempéries é menor, no lugar do cimento é utilizado o gesso, como componente da argamassa.

O emprego do estuque nos tetos interiores:

O emprego do estuque na arquitetura pelotense foi difundido a partir do estilo luso-brasileiro, que utilizou a técnica da estucaria para edificar as paredes internas dos edifícios. A técnica construtiva consistia de fasquiados de madeira ou bambu, presos a um madeiramento interno, que unidos com a argamassa, substituíam os tijolos. No sobrado que pertenceu ao barão de Butuí, construção que data do início da década de trinta do século XIX,¹⁸ quando da restauração do prédio,¹⁹ foi deixado sem reboco um espaço retangular sobre a superfície de uma parede divisória, que exhibe a técnica construtiva do estuque. (Figura 6) Na mesma construção, a parede lateral do patamar da escadaria de acesso ao segundo pavimento, também foi realizada na técnica construtiva da estucaria.



Figura 6: Nas duas imagens: Exemplo de parede interna realizada na técnica da estucaria, no sobrado residencial do barão de Butuí. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

Nos prédios ecléticos de Pelotas, a técnica da estucaria foi empregada na confecção de paredes divisórias e nas ornamentações dos tetos e das fachadas. Márcia Guidoti salientou que, nos ambientes sociais das residências,

¹⁸ SANTOS. Op.cit. p. 173. Segundo o autor, o antigo sobrado com peculiaridades do estilo luso-brasileiro, foi erguido por volta de 1830, para moradia do charqueador José Vieira Viana. Foi comprado pelo barão de Butuí, que no ano de 1880, contratou José Isella para reformar o edifício, que ganhou fachada típica do eclétismo, harmonizando com os frontispícios dos prédios vizinhos.

¹⁹ A restauração ocorreu entre as datas de 2001 e 2005, sob a coordenação da equipe do Projeto Monumenta/Pelotas.

onde havia maior circulação de pessoas, a decoração era mais elaborada e, muitas vezes, os ornamentos de estuque agregados aos forros estavam associados à função dos cômodos, como: frutas, pratos e talheres nos tetos das salas de jantar, instrumentos musicais nos salões de música, anjos, querubins e *putti* nas salas de visitas. (Figura 7) Quanto mais elaboradas fossem as decorações destes ambientes, de mais prestígios econômicos e sociais gozavam os proprietários dos prédios.



Figura 7: Nas três imagens: Tetos estucados com motivos referentes à sala de jantar e à sala de música, na residência do barão de Cacequi. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

Nos tetos das construções romanas, o revestimento de estuque era agregado ao vigamento de cobertura dos prédios por meio de sucessivas fileiras de fasquias de madeira. A estrutura criada distanciava-se da cobertura ou do piso superior dos prédios, formando uma caixa de ar que protegia a superfície estucada da umidade, garantindo maior durabilidade à técnica.²⁰ Sobre essa superfície eram agregados os elementos decorativos. Assim, a técnica da estucaria ornamental dos tetos desdobrava-se em duas fases: a primeira consistia na aplicação de uma base de estuque; a segunda, na inserção dos ornatos sobre a superfície estucada.

Em Pelotas, o método para a estucagem dos forros seguia regras semelhantes às usadas na arquitetura romana. No sobrado do barão de Butuí, o fasquiado foi fixado diretamente sob o vigamento dos tetos, no sentido perpendicular às vigas de sustentação dos pavimentos superiores, sobreposto ao vigamento, no qual foi aplicado o revestimento de estuque e, na sequência, os relevos ornamentais. O intervalo criado entre uma fasquia e outra, de formato retangular ou trapezoidal, facilitou a aderência da argamassa de forração. O espaço compreendido entre o fasquiado e o madeiramento do

²⁰ BRITO, Jorge de; SILVEIRA, Paulo e VEIGA, Rosário. **Eflorescências em estuques antigos**. Disponível em: www.scribd.com/doc/7250566/eflorescencia Acesso: 21/06/2010.

pavimento superior proporciona a área de ventilação, que garante maior durabilidade à ornamentação, bem como à estrutura. (Figura 8)



Figura 8: Nas duas imagens: Vigamento com fasquias de madeira para revestimento de estuque, no sobrado do barão de Butuí. **Fonte:** Fotos das autoras, 2008.

O que diferencia o estuque interno do externo é o material utilizado na sua confecção. Na ornamentação interna é empregado o gesso, material requintado, delicado e sensível às intempéries; na externa, o cimento, produto resistente, durável e menos suscetível à incidência das variações climáticas.



Figura 9: Na imagem à esquerda: Ornamento de estuque da residência do senador Joaquim de Assumpção Junior. **Fonte:** Foto dos autores, 2008. Na imagem à direita: Teto estucado do salão nobre da Intendência de Pelotas. **Fonte:** Foto dos autores, 2010.

Os ornamentos apresentavam formas e tamanhos diversos. Grande parte das peças era obtida por meio de moldes, enquanto outras eram modeladas *in loco*. As primeiras, depois de desenformadas, eram reunidas a outras, formando uma composição única. As peças maiores, mais pesadas e, normalmente mais trabalhadas, eram ancoradas com pinos de ferro ou fios de arame, ao contrário das peças menores e mais leves que eram coladas com massa de estuque nas superfícies das caixas murais. (Figura 9)

O teto do salão nobre da Intendência de Pelotas²¹ recebeu ornamentação de estuque. Esta exhibe datas históricas e elementos que remetem à navegação, à agricultura, à indústria e à justiça. (Figuras 10, 11, 12 e 13)



Figura 10: Na imagem à esquerda: Brasão com uma âncora, remos, pergaminho, bússola e o caduceu de Hermes, remetendo à navegação. Na imagem à direita: Brasão com ancinho, foice, pá de corte, trigo e cachos de uvas, em alusão à agricultura. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.



Figura 11: Na imagem à esquerda: Brasão composto por representações de uma bigorna, marretas, martelos, alicate, chaves de rosca e de cano, em referência à indústria. Na imagem à direita: Brasão constituído de elementos como: balança, espada, coração, mão e *palmas areca rubra*, em alusão ao triunfo da justiça dos homens e da divina. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.



Figura 12: Na imagem à esquerda: Brasão floral contendo a data de 1822, entre ramos de louro, correspondente à Independência do Brasil de Portugal. Na imagem à direita: Brasão com a data de 1889, que identifica a mudança do regime governamental brasileiro, de Império para República. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

²¹ SANTOS. Op. cit. p. 249. Segundo o autor, o prédio da Intendência foi projetado pelo engenheiro Romualdo de Abreu e Silva e construído por Carlos Zanotta.



Figura 13: Na imagem à esquerda: Brasão que salienta a data de 1789, que remete à Revolução Francesa e ao regime republicano. Na imagem à direita: Brasão com a data de 1835, que alude ao início da Revolução Farroupilha e à República Rio-Grandense. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

O prédio ocupado pelo Clube Comercial de Pelotas²² possui várias salas, cujas paredes foram cobertas com papéis ornamentais importados da Europa, outros ambientes eram decorados com escaiolas e, em muitos dos salões, as paredes e os forros foram enfeitados com elementos de estuque. O mais interessante neste exemplar, segundo a notícia divulgada pelo *Diário Popular* no dia 21 de abril de 1911,²³ é que ornatos moldados na técnica do *papier maché* foram mesclados com aqueles executados em massa de gesso, compondo as decorações em relevo dos ambientes.

Em visita à construção detectamos que, a olho nu é impossível identificar diferenças entre as duas técnicas distintas utilizadas pelos artífices, nos resultados ornamentais dos ambientes visitados. Por um lado, isso mostra a qualidade dos técnicos que ali trabalharam. Por outro, evidencia a criatividade dos artistas em agregar novas possibilidades à técnica da estucaria. Nenhum dos autores consultados durante a pesquisa identificou o *papier maché* como alternativa para a elaboração de modelos decorativos dos ambientes interiores dos edifícios.

²² Ibid. p. 275. De acordo com o autor, o sobrado foi erguido pelos irmãos Bartolomeu e José Isella, para residência do charqueador Felisberto Braga, no ano de 1871. Em 1904, o edifício foi comprado pelo Clube Comercial, adaptado para albergar a sede social da entidade. No ano de 1908, a edificação foi arruinada por um incêndio e, reconstruída segundo projeto de Caetano Casaretto, cujas obras foram de responsabilidade de Sebastião Obino.

²³ Clube Comercial. **DIÁRIO POPULAR**. Pelotas, p. 2, 2 abr. 1911.

O estuque nas fachadas dos prédios:

Os elementos ornamentais modelados em estuque representaram figuras diversas, além daqueles já citados, nas fachadas pelotenses foram identificadas estilizações de folhas de acanto ou de palmeira (as últimas estavam associadas ao triunfo), as volutas, as rocalhas, os ovários, as grinaldas, os denticulos e as gavinhas.²⁴ Também podem ser encontrados ornatos como: globos e compoteiras, instrumentos musicais, âncoras e figuras humanas. Grande parte desses elementos se repete nas fachadas de diferentes prédios, o que comprova a fabricação em série destes adornos, divulgados e adquiridos através dos catálogos produzidos, sobretudo, por firmas europeias. Porém, muitos frontispícios apresentam decorações inusitadas, identificadas com as funções originais dos prédios.

Por exemplo, no edifício da Intendência de Pelotas, que data do ano de 1881, um brasão do Império se destacava no frontão da fachada principal. Com a reforma realizada no prédio, entre os meses de novembro de 1909 e abril de 1911, o brasão imperial foi substituído por outro característico da República brasileira, moldado em massa de cimento por Caetano Casaretto, o construtor responsável pelas obras de reforma do prédio administrativo, que buscou harmonizar as decorações do frontispício com o novo regime de governo.²⁵ (Figura 14)



Figura 14: Na imagem à esquerda: Brasão imperial no frontão da Prefeitura. **Fonte:** NOBRE, Nelson. Acervo do Projeto Pelotas Memória. Na imagem à direita: Brasão republicano que substituiu o primeiro. **Fonte:** Foto dos autores, 2010.

²⁴ MEYER, F. S. **Manual de Ornamentación**. Barcelona: Gustavo Gili, 1929. pp. 43 – 196

²⁵ *Ibid.* pp. 250 e 251.

Na caixa mural do edifício da Escola de Agronomia Eliseu Maciel, erguida pelo francês Dominique Pineau entre os anos de 1881 e 1883, estão dispostos de cada lado da porta de entrada e no frontão, instrumentos das áreas do desenho, da arquitetura, da música, da pintura e da literatura, moldados em estuque (compassos, transferidores e régua “T”, paletas e pincéis, flautas e cornetas, capitéis compósitos e pergaminhos emoldurados por ramos de louro). Esses adornos remetem à vitória da educação e da cultura sobre o espírito dos jovens estudantes do educandário, reforçados pela inscrição em latim *Fiat Lux* sobre uma cartela, que se destaca no tímpano do frontão e, pela cabeça de uma musa de onde divergem múltiplos raios, associada à luz da sabedoria.²⁶ (Figura 15)

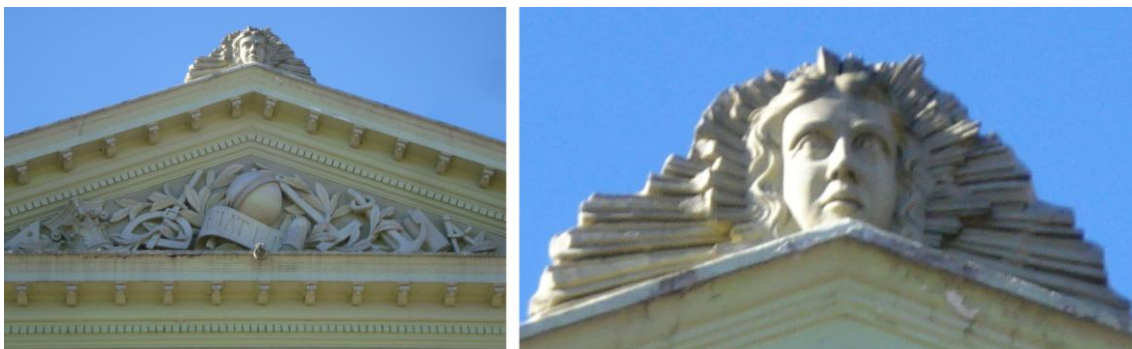


Figura 15: Na imagem à esquerda: As decorações de estuque no tímpano do frontão da Escola de Agronomia Eliseu Maciel. Na imagem à direita: Mascarão que alude à luz da sabedoria, que arremata o frontão deste mesmo prédio. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

Agregados a esta fachada, destacam-se sobre as aberturas, as palavras: *litteratura, ciencias, industria e artes*, enfeitadas com guirlandas e estrelas de cinco pontas (que também aparecem nos capitéis compósitos das colunas do pórtico). Esses símbolos propagavam os ideais da doutrina positivista que fundamentou a República do Brasil, por meio dos quais, a sociedade e, em particular os alunos, alcançariam a ordem e o progresso. (Figura 16) A fachada do edifício também apresenta rusticações, cornijas e frisos estucados.

²⁶ SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Espelhos, máscaras, vitrines:** estudo iconológico de fachadas arquitetônicas. Pelotas: 1870-1930. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 88.



Figura 16: Em todas as imagens: As palavras de ordem da doutrina positivista, do francês Auguste Compe. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

Para a confecção das cornijas e dos frisos que enfeitavam, seccionavam e ritmavam os frontispícios, era colocado sobre a superfície dos muros um trilho de madeira, sobre o qual corria um instrumento com uma matriz da forma desejada. Esta era desenhada e recortada sobre uma superfície metálica e fixada ao trilho de madeira, para que seu perfil, ao correr sobre a massa aplicada à parede, reproduzisse o relevo idealizado. Geralmente, a confecção desses adereços era executada por três pessoas: uma à frente, chapando a massa e as outras duas na sequência, conduzindo o carrinho com o perfil do friso.²⁷

A Biblioteca Pública Pelotense foi edificada entre os anos de 1878 e 1888.²⁸ O prédio foi reformado entre as datas de 1911 e 1913,²⁹ quando ganhou um segundo pavimento. No novo frontispício, se destacam duas

²⁷ Entrevista realizada em 27/11/2009 com os restaurados de estuques Márcia de Pauli Guidoti e José Luis Silva.

²⁸ SANTOS, 2002. Op. cit. p. 84. Segundo o autor, o projeto e a construção do edifício foram de responsabilidade de José Isella.

²⁹ Ibid. p. 85. A reforma foi projetada e executada por Caetano Casaretto.

cariátides de estuque, que simulam sustentar o frontão que arremata a fachada, nas decorações do frontão surgem folhas de palmeira e uma cartela com as palavras: *Instrução, Trabalho e Progresso*, símbolos positivistas que louvam a cultura promovida pelo estabelecimento aos cidadãos pelotenses, através de seu acervo bibliográfico e dos cursos desenvolvidos e, o triunfo do regime republicano brasileiro. (Figura 17)

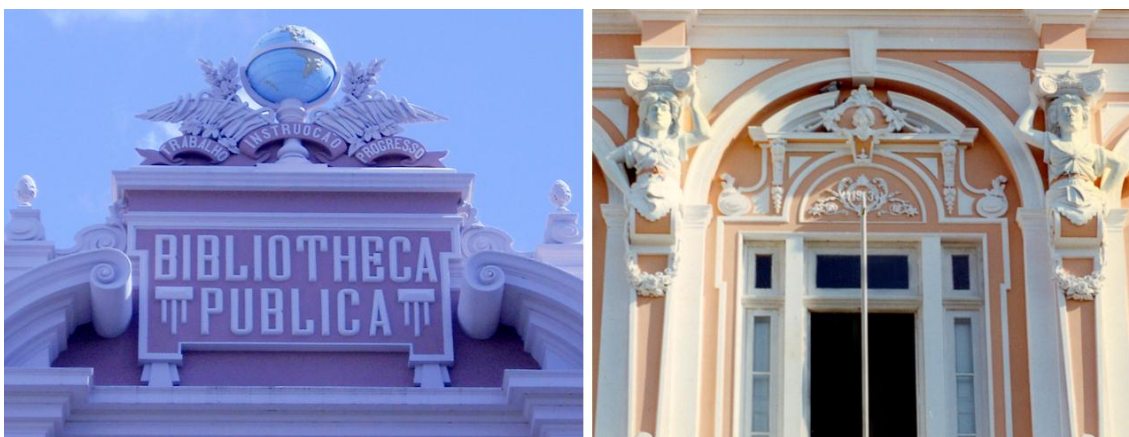


Figura 17: Na imagem à esquerda: Frontão composto por palmas, ramagens e palavras de ordem positivista. **Fonte:** Foto dos autores, 2010. Na imagem à direita: Cariátides que sustentam capitéis compostos. **Fonte:** Foto dos autores, 2000.

Como ocorria na estucaria ornamental dos forros, os elementos decorativos em relevo de estuque eram chumbados nas paredes externas por meio de pinos de sustentação, feitos de ferro ou de fios de arame. Nesse caso, a fachada e o ornamento deveriam apresentar seção de intersecção áspera, para que houvesse a aderência. Além disso, tanto a seção da fachada quanto a base do elemento decorativo eram previamente umedecidos, para que o cimento absorvesse a massa de assentamento do ornato. Após a colagem, eram feitos os acabamentos entre a peça ornamental e a caixa mural.

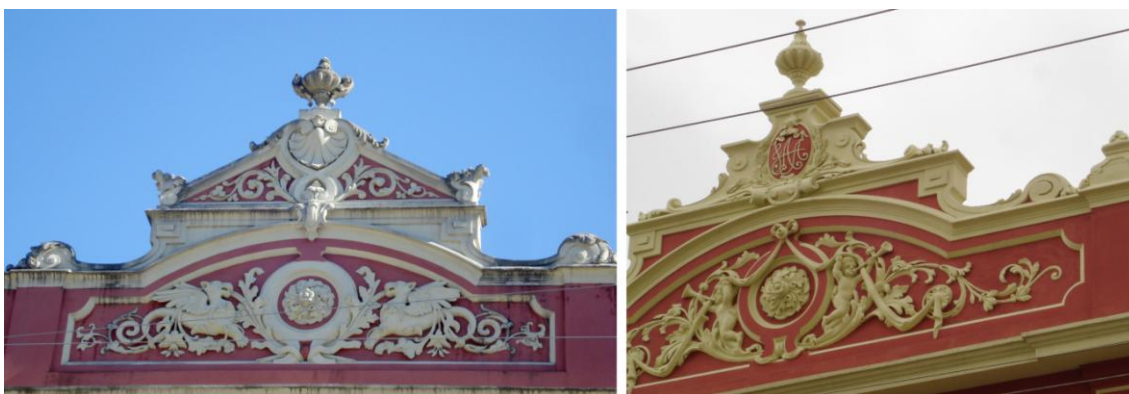


Figura 18: Na imagem à esquerda: Dragões alados de um frontão do palacete de Joaquim Augusto Assumpção. **Fonte:** Foto dos autores, 2010. Na imagem à direita: Os *putti* de um outro frontão do mesmo palacete. **Fonte:** Foto dos autores, 2009.

No palacete residencial do senador Joaquim Augusto de Assumpção Junior,³⁰ frontões cimbrados interrompidos³¹ estão dispostos sobre as aberturas e sobre a porta principal, sustentados por consolos e ornados com compoteiras e guirlandas de flores, executados em estuque. Nos frontões das platibandas surgem rocalhas e rosetas, dragões alados e dois *putti* que tocam cornetas, em meio a guirlandas e festões florais. (Figura 18) Nos elementos de estuque que enfeitam a parte superior das janelas do casarão do barão de São Luis,³² os *putti* foram usados como atlantes ou consolos. Como as cariátides da Biblioteca Pública Pelotense, os *putti* simulam sustentar os adornos que encimam as janelas voltadas para o jardim de entrada da residência. (Figura 19)

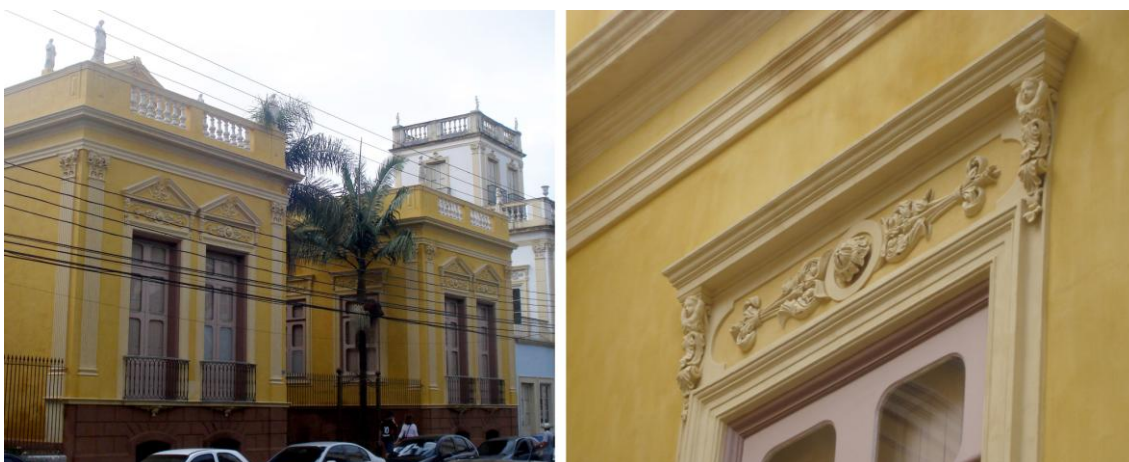


Figura 19: Na imagem à esquerda: A fachada da residência do barão de São Luis. Na imagem à direita: Os *putti* com a função de Atlantes. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

Na casa assobradada de Antonio Rodrigues Ribas,³³ o tímpano do frontão da fachada principal mostra dois dragões alados, idênticos àqueles agregados à fachada do casarão de Joaquim Augusto de Assumpção. Ou seja, provavelmente, estes elementos decorativos de estuque são originados da mesma manufatura. Pela qualidade das peças, possivelmente foram adquiridas por meio de um mesmo catálogo de uma fábrica europeia. No frontão da residência da família Ribas, rosetas, volutas, dentículos e cornijas, uma cártula

³⁰ SANTOS, 2007. Op. cit. pp. 182, 186 e 187. Segundo o autor, o palacete de Joaquim Augusto Assumpção Junior foi edificado entre as datas de 1884 e 1889.

³¹ KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 152.

³² SANTOS, 2007. Op. cit. p. 172. O autor esclareceu que, as obras do casarão do barão de São Luis, Leopoldo Antunes Maciel, foram finalizadas no ano de 1879.

³³ Ibid. p. 194. A casa assobradada foi erguida pelo construtor Carlos Jayme Parejo, entre os anos de 1907 e 1908.

com o monograma do proprietário, acantos sinuosos e guirlandas de flores complementam as decorações de estucaria, onde sobressaem duas pombas, identificadas com a paz e harmonia do lar. (Figura 20)

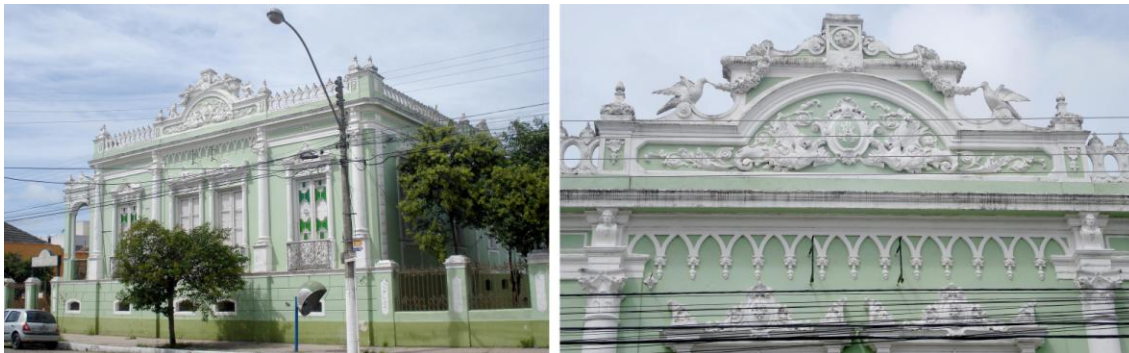


Figura 20: Na imagem à esquerda: A fachada da antiga residência de Antonio Rodrigues Ribas. Na imagem à direita: Detalhe do frontão principal da mesma residência. **Fonte:** Fotos dos autores, 2007.

Na residência de Adriano Rocha,³⁴ o frontão cimbrado interrompido é decorado com volutas e guirlandas florais de estuque. Arrematando o frontão, destaca-se a figura de um menino marinheiro moldado em massa de cimento. A figura do marinheiro está ligada ao mercantilismo e, no topo da construção, a alegoria remete às atividades de comércio desenvolvidas pelo proprietário da edificação. (Figura 21) Na casa assobradada do “*abastado capitalista*” Martim Bidart,³⁵ os ornamentos de estuque incorporados à fachada exploram adornos geometrizados, rocalhas, festões compostos por frutas e mascarões, dentre os quais se destacam figuras zoomórficas ligadas ao estilo *art nouveau*. (Figura 22)

³⁴ Ibid. p. 192. Em setembro de 1913, o construtor Antonio Jesuíno dos Santos solicitou à Intendência a liberação da edificação da residência.

³⁵ SANTOS, 2007. Op. cit. p. 197. O autor registrou que, as obras de construção se desenvolveram entre os anos de 1913 e 1915, com projeto de Pedro Obino, sob a direção de Caetano Casaretto.



Figura 21: Na imagem à esquerda: A fachada do palacete de Adriano Rocha. Na imagem à direita: Detalhe da figura do marinheiro do frontão desta fachada. **Fonte:** Fotos dos autores, 2000.

Na arquitetura europeia, a estética *art nouveau* foi antagônica à eclética, que buscou inspiração na história da arquitetura. Os arquitetos vinculados ao *art nouveau* romperam com o ecletismo, na medida em que, se inspiraram na flora e na fauna e criaram composições assimétricas, explorando linhas sinuosas, curvas e contracurvas. Curiosamente, na arquitetura pelotense, os construtores mesclaram elementos dos dois estilos nas composições de fachadas dos prédios.



Figura 22: Na imagem à esquerda: A fachada da residência de Martim Bidart. Na imagem à direita: Figuras zoomórficas e antropomórficas que ornamentam o frontispício desta residência. **Fonte:** Fotos dos autores, 2000.

Nas fachadas pelotenses, registramos outro caso interessante da mistura de elementos antagônicos explorados em um mesmo adorno de estucaria, como é exemplo o sobrado que pertenceu à família Assumpção Xavier.³⁶ Nos capitéis coríntios utilizados no frontispício do prédio, despontam por entre as folhas de acanto, as figuras de pequenas gárgulas. Se no mundo europeu, as estéticas clássicas antagonizaram com a gótica, neste elemento exemplificado, classicismo e goticismo foram mesclados indiscriminadamente pelos artífices. (Figura 23)



Figura 23: Em ambas as imagens: Capitéis de inspiração coríntia com a presença de gárgulas aladas, típicas das construções góticas, localizados nos frontispícios das residências que pertenceram às famílias Assumpção Xavier e de Bernardo de Souza, respectivamente. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

Na vila residencial do industrial alemão Frederico Carlos Lang, proprietário da *Fabrica Lang*, que produzia sabão, velas e sabonetes, falsas armações de madeira foram executadas em estucaria, que citam aquelas utilizadas na técnica do enxaimel das construções românicas e góticas germânicas. Toda caixa mural, como também os elementos de estuque, tiveram inspiração nas peculiaridades arquitetônicas do país de origem do proprietário. (Figura 24)

³⁶ LEONARDO, Maria Cristina Cruz. **A preservação de um acervo familiar:** a residência Assumpção Xavier, rua Marechal Floriano nº 8/Pelotas/RS. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, 2000. p. 3.



Figura 24: Na imagem à esquerda: A fachada principal da vila residencial de Frederico Carlos Lang. Na imagem à direita: Decorações de estuque que imitam bossagens na mesma residência. **Fonte:** Fotos dos autores, 2007.

As fachadas do edifício do Grande Hotel de Pelotas³⁷ apresentam diversos ornatos de estuque, dos quais destacam-se os escudos com o monograma do estabelecimento, empregados nas decorações da platibanda do prédio, posicionados acima dos módulos laterais e emoldurados por representações de gavinhas, floreios, ramagens e frutos. (Figura 25) Já na platibanda da fachada lateral do Clube Comercial, elementos quadrangulares de estuque apresentam grandes rocalhas e foram dispostos em sequência sobre a pequena mureta. Este ornamento, peculiar à estética rococó, empregado como coroaamento de fachada de um edifício é exemplo único na cidade. (Figura 25)

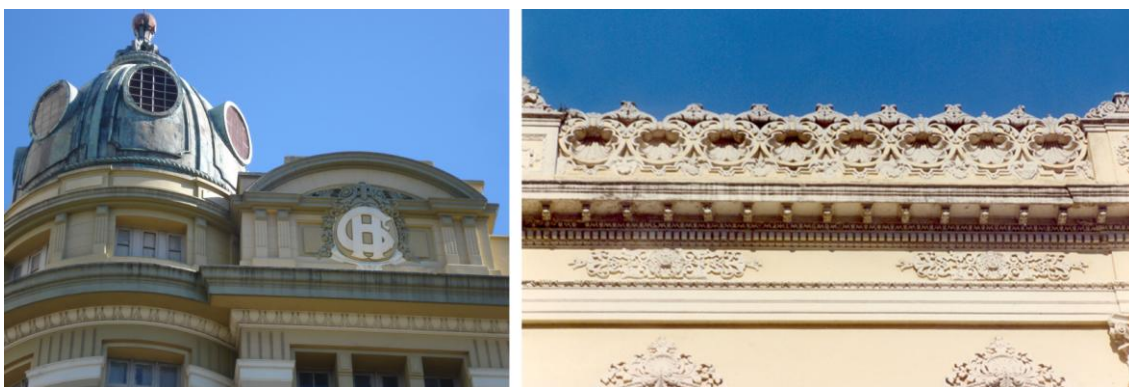


Figura 25: Na imagem à esquerda: Monograma do Grande Hotel em um dos frontões da fachada principal. **Fonte:** Foto dos autores, 2010. Na imagem à direita: As rocalhas que ornamentam a platibanda do Clube Comercial. **Fonte:** Foto dos autores, 2007.

O Mercado Público pelotense foi edificado entre os anos de 1840 e 1850. O projeto do arquiteto alemão Roberto Offer foi erguido pelos

³⁷ SANTOS, 2007. Op. cit. p. 234. De acordo com o autor, o edifício foi erguido entre os anos de 1925 e 1928, com projeto do engenheiro Theophilo de Barros, titular da Diretoria de Obras do Estado do RS.

construtores José Vieira Pimenta e Teodolino Farinha.³⁸ Entre o mês de maio de 1911 e junho de 1913,³⁹ o edifício foi reformado pelo engenheiro Manoel Itaqui,⁴⁰ quando o prédio ganhou a estrutura de ferro da cobertura (importada da Alemanha), os quatro portões no centro de cada uma das quatro fachadas e, os quatro torreões nos ângulos das esquinas do quarteirão. Os frontões dos torreões são enfeitados com compoteiras e guirlandas de frutas, realizadas em estucaria, que estão associadas à função do prédio. (Figura 26)



Figura 26: Na imagem à esquerda: Torreão do Mercado Público de Pelotas. Na imagem à direita: Ornamentos de estuque representando frutas, aludindo à função do edifício. **Fonte:** Fotos dos autores, 2009.

A sede do *Banco Pelotense* foi inaugurada no dia 5 de abril de 1916.⁴¹ O edifício foi projetado pelo uruguaio Carlos Perez Monteiro e edificado pelo construtor espanhol Paulo Torrens.⁴² O frontispício do prédio apresenta rusticações realizadas em estuque. Os capitéis compósitos das colunas *palladianas* são enfeitados com guirlandas. No módulo franchado da esquina, a cada lado da porta monumental, destacam-se duas cartelas ornadas com volutas e as cabeças de leões, que simbolizam a força e o poder da firma bancária. Todos os elementos ornamentais de estuque foram realizados pelo

³⁸ GUTIERREZ, Ester. **Barro e sangue:** mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas, 1777-1888. Pelotas: Ed. UFPel, 2004. p. 325.

³⁹ SANTOS, 2007. Op. cit. p. 225.

⁴⁰ WEIMER, Günter. **Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul:** 1892-1945. Santa Maria: Ed. UFSM, 2004. p. 91. Segundo o autor, Manoel Barbosa Assumpção Itaqui nasceu na cidade de Itaqui e formou-se na Escola de Engenharia de Porto Alegre, como engenheiro de estradas, arquitetura e hidráulica.

⁴¹ SANTOS, 2007. Op. cit. p. 243.

⁴² WEIMER. Op. cit. p. 180. O autor registrou que Paulo Torrens também trabalhou nas cidades de Rio Grande e Porto Alegre. Segundo o autor, a sede do *Banco Pelotense* teria sido a sua obra mais importante.

escultor alemão João Vicente Friederichs, vencedor do concurso público realizado em Buenos Aires, para as decorações do prédio.⁴³ (Figura 27)



Figura 27: Na imagem à esquerda: Frontispício do antigo Banco Pelotense. **Fonte:** NOBRE, Nelson. Acervo do Projeto Pelotas Memória. Na imagem à direita: Brasão ornamentado com a cabeça de um leão, que ladeia a porta principal do edifício. **Fonte:** Foto dos autores, 2010.

A antiga sede da filial pelotense do *Banco Nacional do Comércio* data do ano de 1917.⁴⁴ A edificação foi erguida em esquina de quarteirão, sob a responsabilidade do *Escritório de Engenharia e de Arquitetura* do theco Josef Hruby, radicado em Porto Alegre.⁴⁵ Nas extremidades das fachadas, os módulos são coroados por frontões triangulares de estuque, ornados com compoteiras e cartelas, que exibem gárgulas com cabeças estilizadas de leões. Como as cabeças dos leões dispostos nos medalhões que ladeiam a porta de entrada do *Banco Pelotense*, estas gárgulas remetem à segurança dos negócios efetuados pelas agências bancárias, como ao poder econômico das mesmas. (Figura 28)

⁴³ SANTOS, 2007. Op. cit. p. 242.

⁴⁴ Ibid. p. 238.

⁴⁵ MOURA, Rosa & SCHLEE, Andrey. **100 imagens da arquitetura pelotense**. Pelotas: Pallotti, 1998. p. 114.



Figura 28: Na imagem à esquerda: Capitel jônico ornamentado com festões. **Fonte:** Foto dos autores, 2010. Na imagem à direita: A sede do antigo Banco Nacional do Comércio. **Fonte:** NOBRE, Nelson. Acervo do Projeto Pelotas Memória.



Figura 29: Na imagem à esquerda: Brasão com a cabeça estilizada de um leão no frontão do Banco Nacional do Comércio. **Fonte:** Foto dos autores, 2010. Na imagem à direita: O capitel com a cabeça de Demeter ou Ceres, no mesmo edifício. **Fonte:** Foto dos autores, 2007.

Os capitéis jônicos das falsas colunas *palladianas* erguidas entre os vãos das fachadas, ostentam cabeças de deuses da mitologia greco-romana. Demeter ou Ceres “(...) *deusa da terra cultivada, (...) ensinou a arte de lavrar os campos, semear a terra e colher os cereais (...) seus atributos são a espiga e o narciso*”.⁴⁶ A gárgula feminina se salienta entre as volutas, coroada por uma guirlanda de frutas, ramos de trigo e cachos de uvas, que se derramam e enfeitam o colarinho do capitel. (Figura 29)

Hefestos ou Vulcano “(...) *retratado sob os traços de um ferreiro de certa idade, feio e barbudo (...) tem a cabeça protegida por um gorro e empunha um*

⁴⁶ CIVITA, Roberto. **Dicionário de mitologia greco-romana**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 188. p. 48.

martelo e tenazes”.⁴⁷ Na representação da divindade entre as volutas do capitel, identifica-se os dois martelos sobre o gorro usado pela alegoria e, ainda, as correntes moldadas que enfeitam o colarinho e significam a metalurgia. (Figura 30)

Hermes ou Mercúrio “(...) representado como um jovem nu ou vestido com uma túnica curta. Tem na cabeça um capacete de largas abas ou cônico, adornado com pequenas asas. Calça sandálias aladas e segura, às vezes, uma bolsa, símbolo dos lucros do comércio”.⁴⁸ No exemplo analisado, na gárgula masculina e jovial, podemos ver o capacete alado, atributo do deus mitológico. (Figura 30)



Figura 30: Nas duas imagens: A representação de Hefestos ou Vulcano e de Hermes ou Mercúrio nos capitéis do Banco Nacional do Comércio. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

Febo ou Apolo “(...) representado sempre jovem, formoso, sem barba e geralmente nu: quando assume a atribuição de deus das artes, aparece vestido com longa túnica”.⁴⁹ No caso em estudo, a cabeça masculina é ornada com uma âncora, aludindo ao deus da luz, protetor dos campos, dos artistas, dos médicos e dos navegantes. (Figura 31)

Atena ou Minerva, deusa da sabedoria e conselheira dos deuses “(...) ao nascer, já investida de armadura e capacete, emitiu ressoante grito de guerra (...) inventou a quadriga e o carro de guerra (...) os instrumentos agrícolas (...)”

⁴⁷ Ibid. p. 188.

⁴⁸ Ibid. p. 120.

⁴⁹ Ibid. p. 11.

tornou-se uma divindade da agricultura".⁵⁰ Entre as volutas do complexo capitel, o mascarão exibe a cabeça feminina da deusa adornada por uma coroa de ramos de oliveira, cujo colarinho é enfeitado com olivas. (Figura 31)



Figura 31: Nas duas imagens: As representações de Febo ou Apolo e de Atena ou Minerva nos capitéis do Banco Nacional do Comércio. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

Os capitéis enumerados representam a agricultura, o comércio, a indústria, as artes e a sabedoria e, estão ligados às riquezas cultivadas nos campos pelotenses e aos empreendimentos econômicos realizados pelos estabelecimentos da zona urbana de Pelotas, cujos lucros eram depositados na casa bancária. Também estavam associados aos “elementos do futuro”, pregados pela ideologia positivista.

⁵⁰ Ibid. p.123.



Figura 32: Nas imagens: Mascarão e instrumentos musicais da fachada do Teatro 7 de Abril
Fonte: Fotos dos autores, 2010.

O Teatro 7 de Abril de Pelotas foi inaugurado no ano de 1833. O projeto do edifício foi executado pelo engenheiro alemão Eduardo Von Kreschmer. Durante o ano de 1916, uma grande reforma se desenvolveu no edifício, tanto no espaço interior do prédio como na sua fachada. A reforma foi projetada pela firma *Perez Monteiro & Cia.*, executada pela empresa *Rodrigues & Cia.*, o desenho do frontispício foi criado pelo arquiteto José Torrieri.⁵¹ Sobre a nova fachada, mascarões e instrumentos musicais (liras, pandeiros e cavaquinhos), foram moldados em massa de cimento, associados às peças teatrais e aos concertos musicais realizados na casa de espetáculos. As ornamentações das pilastras que delimitam o frontão e, os cunhais do frontispício, sofreram a influência da estética *art nouveau*. (Figura 32)

O Clube Caixeiral foi projetado e construído por Caetano Casaretto. No final de abril do ano de 1905 concluíram-se as obras do edifício de esquina de quadra.⁵² As duas fachadas do prédio apresentam grande quantidade de elementos ornamentais de estuque, dos quais destacamos os medalhões em relevo com os monogramas da associação cultural e, os ornatos dos frontões

⁵¹ SANTOS, 2007. Op. cit. p. 264.

⁵² Ibid. p. 279.

da fachada lateral. Um deles exhibe partituras, instrumentos musicais e máscaras. No outro, ao redor do caduceu de Hermes ou Mercúrio, estão arranjados remos, espadas, âncoras e correntes, mãos que se cumprimentam e cornucópias de abundância, que derramam moedas de ouro, espigas de milho e cachos de uvas e, ainda, uma cartela onde estão inscritas as palavras: *Economia, Actividade e Prudência*. (Figura 33)



Figura 33: Nas duas imagens: Frontões com elementos ornamentais ligados ao comércio e às atividades culturais no Clube Caixeiral. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

Todos esses adornos alegóricos são símbolos que, por um lado, remetem às atividades culturais promovidas pelo clube, por meio do teatro, da literatura, da poesia e da música. Por outro, representam as riquezas advindas da agricultura, da indústria e do comércio, aludem às corporações formadas pelas oligarquias para diversos propósitos e para a construção da sede social, elite enriquecida pela exploração do trabalho no campo, nos estabelecimentos comerciais e nas fábricas e, como reforçam as inscrições das cartelas, através da atividade e da prudência, garantiam seu poder econômico.



Figura 34: Na imagem à esquerda: Fachada da capela de São João Batista, na Santa Casa de Misericórdia. Na imagem à direita: Detalhe do frontão. **Fonte:** Fotos dos autores, 2007.

A capela de São João Batista, na Santa Casa de Misericórdia, foi projetada e executada pelos construtores italianos José Isella e Guilherme Marcucci, erguida entre os anos de 1877 e 1884.⁵³ No frontão que arremata a fachada, definido por curvas, contracurvas e decorado com volutas, estão dispostos o Brasão do Império e o olho de Deus, de onde divergem raios de luz. (Figura 34) Estes elementos estucados estão identificados com o regime imperial, período em que o prédio foi edificado e, com a Igreja Católica, cujas congregações de freiras e de padres mantinham com zelo os doentes internados no hospital de caridade.

Conclusão:

Na arquitetura eclética historicista pelotense, elementos ornamentais de estuque foram incorporados às paredes internas e externas e aos tetos dos principais ambientes dos edifícios. Grande parte desses adornos era adquirida através de catálogos produzidos por fábricas estrangeiras, outros eram copiados ou criados e multiplicados nos ateliês implantados na cidade, muitos ornatos foram elaborados *in loco* pelos artífices.

Nas fachadas dos prédios, a composição da massa utilizada para estes elementos agregava cal, água, areia fina e cimento, algumas vezes era introduzido nas misturas o pó de mármore, que dava maior resistência às decorações. Nas paredes internas e nos forros dos edifícios, onde a incidência da umidade é menor, o gesso substituía o cimento. Os enfeites maiores eram agregados aos muros e tetos com pinos de ferro ou de arame, os ornatos menores eram colados às superfícies murais com o estuque. Depois de efetuadas as ornamentações, as paredes e os forros eram pintados com cores variadas, que exploravam contrastes entre as superfícies planas e em relevo.

Com a técnica da estucaria foram realizadas as rusticações, as cornijas e os frisos, os fustes das pilastras, os frontões que encimam as aberturas ou arrematam os frontispícios das edificações. Os elementos ornamentais externos e internos de estuque exploraram figuras geométricas, orgânicas, fitomórficas, zoomórficas, antropomórficas e símbolos diversos, associados à

⁵³ Ibid. p. 295.

função original dos prédios ou dos ambientes interiores, também identificados com as ideologias das associações culturais e comerciais ou dos proprietários das residências.

Os arranjos ornamentais de estuque enriqueceram as caixas murais dos edifícios, como também as principais salas internas dos prédios e, revelaram o prestígio das diferentes casas comerciais, das associações culturais, dos prédios administrativos e institucionais, o domínio político e social que gozavam os proprietários dos prédios residenciais. A variedade das composições da estucaria ampliou o ecletismo historicista da arquitetura de Pelotas e, contribuiu para externar o poder econômico da elite pelotense durante o período estudado.

Bibliografia e Fontes citadas:

ÁVILA, Affonso. **Barroco mineiro**: glossário de arquitetura e ornamentação. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

BOSSERT, Helmuth. **Grecia y Roma**. Barcelona: Gustavo Gili, 1937.

CIVITA, Roberto. **Dicionário de mitologia greco-romana**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: EDART, 1972.

GUTIERREZ, Ester. **Barro e sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas, 1777-1888. Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

HADAS, Moses. **Roma Imperial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEONARDO, Maria Cristina Cruz. **A preservação de um acervo familiar**: a residência Assumpção Xavier, rua Marechal Floriano nº. 8. Pelotas/RS. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, 2000.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860–1890)**. Pelotas: Mundial, 1993.

MEYER, F. S. **Manual de Ornamentación**. Barcelona: Gustavo Gili, 1929.

MOURA, Rosa & SCHLEE, Andrey. **100 imagens da arquitetura pelotense**. Pelotas: Pallotti, 1998.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Espelhos, máscaras e vitrines: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas. Pelotas 1870/1930**. Pelotas: EDUCAT, 2002.

_____. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

STACCIOLI, R. A. **Rome: autrefois et aujourd' hui**. Roma: Vision, 1962.

WEIMER, Günter. **Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul: 1892-1945**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2004.

STIERLIN, Henri. **A Turquia**. Lisboa: Taschen, 1999.

Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados, Cesário Lange – SP, 1992.

Fontes de pesquisa:

CORREIO MERCANTIL. Pelotas: período de 1870 a 1890.

DIÁRIO POPULAR. Pelotas: período de 1890 a 1931.